

Iniciação à filosofia para os não filósofos

LOUIS ALTHUSSER

Trad. Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 254p.

Bruno Reikdal Lima*

I

A obra póstuma de Louis Althusser, organizada e anotada por G. M. Goshgarian, publicada em francês apenas em 2014, cumpre de maneira brilhante o papel ao qual se propõe: iniciar os *não filósofos* à filosofia. Contudo, a determinação de quem é ou não filósofo cabe, desde o início, à posição que o leitor toma frente à filosofia: se como participante ativo ou se distante de sua prática, com ou sem razão para tal. Desse modo, a argumentação desenvolvida avança na discussão de quem é filósofo e a quem pertence o campo, qual sua função em determinada sociedade e como se produz esse tipo de conteúdo.

Desta feita, o primeiro capítulo, intitulado “O que dizem os ‘não filósofos?’”, estabelece as questões que conduzem todo o teor construído. Com escrita fluida e linguagem cotidiana, citações simples e objetivas, sem perder o manejo rigoroso de conceitos e proposições da tradição disciplinar em filosofia, Althusser problematiza, nessa primeira etapa, a filosofia como exclusiva de professores de Filosofia e instituições escolares. Imagina diálogos corriqueiros com quem se consideraria um não filósofo por falta de formação acadêmica específica. Aponta, então, para a tese de que toda pessoa é filósofa (retomada por vezes no texto até

* Doutorando em Economia Política Mundial pela UFABC. E-mail: bruno@reikdal.net

sua determinação final, com conteúdo preciso), mas que, para entender em que medida ela é válida, seria preciso compreender o que é e para que serve a filosofia.

Isso posto, o autor anuncia a necessidade de se realizar um grande desvio, que permitirá não apenas conceituar filosofia, mas propriamente fazer filosofia. O percurso requererá, portanto, uma prática da filosofia como passo necessário e fundamental para a iniciação ao tema. Para tal, portanto, segue-se no segundo capítulo como passo preparatório uma discussão originária do âmbito social e o papel na organização das comunidades humanas que a filosofia passa a ocupar e desempenhar.

II

Remontando a história da filosofia ocidental, Althusser encontra na religião traços que dão condições para a produção de uma filosofia que opera na manutenção da ordem social vigente. Uma filosofia resignada e reproduzida pelas instituições que, por sua vez, constituem os indivíduos em suas relações cotidianas. Dessa forma, mesmo que toda pessoa possa ser filósofa, sua filosofia espontânea geralmente é passiva, reduzida a uma *filosofia individual*, que não mobiliza para a luta e que a mantém enquanto sujeito não engajado.

Nesse sentido, como propõe o autor, se em comunidades anteriores a religião era capaz de, com ritos e mitos coordenar a coesão social, com o processo histórico do desenvolvimento científico novas formas para operações de controle e manutenção social são necessárias. A filosofia aparece como uma das práticas sociais que podem ocupar essa função, como atividade que cumpre o papel de garantir unificação ideológica de classes dominantes e como garantia da passividade necessária para que as classes dominadas procedam como tal. Uma prática, portanto, efeito das lutas de classes, produto dos conflitos constituintes dos processos históricos.

Conquanto a função ordenadora da prática da filosofia apareça a partir da avaliação histórica de modo dominante, há de se considerar que na luta de classes, a filosofia que desponta no desempenho de tal papel o faz frente a outras produções e práticas humanas que contestam a ordem social e suas instituições. Estabelece-se, dessa forma, que diferentes práticas de filosofia se posicionam de diferentes maneiras nas tomadas de posição e enfrentamentos. Desse modo e nesse sentido, nos diversos agrupamentos que se pode abstrair para organizar as produções filosóficas, Althusser reposiciona a proposta esquemática de Engels da distinção entre a filosofia idealista e a filosofia materialista, estruturando polos gerais para os quais as produções filosóficas tendem.

Com isso, o grande desvio tomado para compreender de que se trata e para que serve este campo apresenta os polos gerais de modo dinâmico, contrapostos, mas sempre contendo um ao outro. Esse passo intencionalmente faz com que o leitor perceba, assuma e conviva com as contradições internas ao fazer filosófico, imerso em suas relações externas – os acontecimentos históricos e materiais que

dão condições para sua atividade – e que, nesse interregno, compreenda a complexidade das produções que, ao fim, nos permite determinar a prática da filosofia.

III

O grande desvio, que vai do terceiro capítulo até o 16º, partindo de discussões a respeito de o que é uma abstração em filosofia, distinta das abstrações cotidianas e da abstração científica, até chegar na determinação da prática filosófica, resulta em uma compreensão geral de que a filosofia é um campo de disputas pelas transformações das ideologias sob as quais outras práticas sociais produzem seus efeitos. Althusser a interpreta propriamente como um campo de batalha, no qual cada produção filosófica pretende ocupar todo o espaço vencendo seus adversários. Para isso, cada sistema filosófico desenvolvido comporta seus opositores, assumindo alguns de seus temas para refutá-los, antecipando as réplicas que poderiam vir do adversário na luta.

Dessa maneira, retomando o procedimento conflitivo e complexo da produção em filosofia, compreende-se que cada tendência filosófica, seja idealista ou materialista, carregue em si e consigo sua contraparte. Na luta pela transformação das ideologias que acompanham diferentes práticas sociais, em um processo unificador, ou melhor, como propõe o autor na fase final de sua argumentação, no papel de ajustar elementos ideológicos, cada sistema condiciona contradições que munem seus adversários. Nesse sentido, em cada filosofia não se realiza apenas a tendência para a qual se direciona, seja idealista ou materialista, e sim a própria contradição entre as duas tendências, como conclui Althusser.

Isso posto, o autor reposiciona as questões de o que é e para que serve a filosofia. Como prática de lutar teoricamente na produção de teses que constituem sistemas filosóficos e ocupam o espaço em disputa das transformações ideológicas, a filosofia aparece como participante dos processos de unificação ideológica constituindo categorias que sejam, no quanto for possível, universalizáveis. Esse papel, todavia, não é natural ou exclusivo da filosofia e do fazer filosofia, mas sim fruto da luta de classes que no desenvolvimento histórico a estipula como agente nessa tarefa. E por se tratar de um papel ativo na unificação ideológica, e não o próprio poder que a torna agente dessa disputa, Althusser encontra sua função para o proletariado na luta de classes, como *em última instância, uma luta de classe na teoria*.

IV

A filosofia, desse modo, perde a aura inicialmente indicada como disciplina para professores de filosofia, como um poder peculiar permitido aos iniciados. Ela é inserida na luta de classes e nos processos históricos que dela decorrem, ocupando uma função determinada para a ideologia dominante, mas que também pode funcionar na unificação de elementos ideológicos que municiem o proletariado em seu combate. Dessa forma, vemos que a filosofia pode ser tomada em seu campo de disputa como a ajustadora das armas ideológicas da classe oprimida.

Filosofia, nesse sentido, é uma prática determinada que, como propõe Althusser, pode servir ao proletariado quando em uma posição marxista. O filósofo, concebido em seu conteúdo prático, aparece como quem luta na teoria, ideologicamente. E se efetivamente não são todas as pessoas combatentes nesse campo, ao menos virtualmente o tocam ao manejar elementos ajustados filosoficamente em práticas cotidianas, seja por uma ideologia dominante ou por uma ideologia da classe dominada. A filosofia, nesse espaço, pode desempenhar um papel de arma para a revolução.